

“PARA SER ESCRITOR, ESQUEÇA A FACULDADE DE LETRAS”

Entrevista com Vitor Oliveira, escritor e roteirista da Rede Globo¹

Vitor Oliveira é graduado e mestre em Letras. Durante muitos anos produziu um *blog* muito conhecido, o <http://euprefiromelao.blogspot.com.br/>, que tinha a finalidade de discutir aspectos da telenovela brasileira. O sucesso do blog acabou transformando *Eu prefiro melão* em livro, no ano de 2012 (Editora Navilouca).

Antes, porém, em 2010, já havia recebido uma indicação para uma vaga no curso da Oficina de Autores da TV Globo. No ano seguinte, já começava a trabalhar como colaborador de Alcides Nogueira no premiadíssimo *remake* de *O astro*.

Hoje, Vitor trabalha novamente com Nogueira na redação da atual novela das sete, *I love Paraisópolis*, escreve peças para teatro e continua a publicar seus textos sobre televisão em sua coluna chamada “Melão em neon”, no site *Em Neon* (<http://www.emneon.com.br/>).

Vitor gentilmente tirou um tempinho de sua atarefada carreira para ceder uma entrevista para a revista TRADUZIR-SE.

Traduzir-se: Não dá para negar o espaço que a telenovela ocupa na cultura brasileira e, logo, na formação cultural do nosso povo. Por que, em sua opinião, o gênero é tão vilipendiado pelos acadêmicos e ditos “intelectuais”?

Vitor Oliveira: Olha, e vou além: não só o gênero telenovela é visto com preconceito, mas também o próprio gênero literário que não se encaixa no cânone consagrado pela academia. Estudei pouquíssimo Jorge Amado e nenhum Paulo Coelho (risos).

Voltando à telenovela, ela é nosso principal produto de exportação. Muitas delas são vendidas para centenas de países e a qualidade técnica e dos artistas que nela atuam é inegável, tanto é que desde que o gênero foi incluído na premiação do Emmy Internacional, temos vencido quase todos os anos. Ou seja, o prestígio que a telenovela brasileira tem no mundo não se reflete nas altas camadas de nossa cultura. Além disso, falta um trabalho sério de crítica na imprensa, assim como temos bons críticos de teatro e cinema.

Mas sinto que esse preconceito, aos poucos, vem diminuindo. Esse papo de “passei pelo quarto da empregada e ela estava assistindo à novela”, além de cafona e esnobe, é um ranço de preconceito tolo que precisa acabar. Entendo que a telenovela é um produto industrial, que

¹ A entrevista foi organizada pela professora Caroline Moreira Reis, das FIC, a partir do questionamento dos alunos de Letras da Instituição.

tem como objetivo gerar lucro a uma empresa, mas o cinema e o teatro também não tem esse objetivo? Que produtor de cinema ou teatro vai produzir pra ter prejuízo? O lucro é a consequência de um trabalho competente, independente de seu mérito artístico.

É possível sim considerar a telenovela como uma obra de arte. Quanta coisa boa foi produzida nessa meia década, quantas cenas e obras memoráveis! Pra mim, a diferença em relação aos outros gêneros reside, sobretudo, no formato. Afinal de contas, quem há de dizer que “Desejo de Matar 4” é obra de arte e “O bem amado” não? Já está mais do que na hora desse preconceito acabar de vez, pois querendo ou não, a telenovela é única possibilidade de contato artístico de uma camada enorme de nossa população excluída culturalmente, que passa longe das salas de cinema e teatro.

Traduzir-se: Como você vê o atual panorama dos estudos sobre telenovela - e/ou textos feitos para televisão – no Brasil?

Vitor Oliveira: Essa resposta é um pouco a continuação da anterior, em que dizia que esse preconceito da Academia em relação ao gênero está diminuindo. Já existem muitos programas de Pós-Graduação que se debruçam em estudos televisivos, sendo o mais famoso deles o Núcleo de Teledramaturgia na USP. Também já conheci estudos na UERJ e no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras da UFRJ, do qual fiz parte e tinha um projeto sobre telenovela. Ainda há um longo caminho a percorrer, mas já existe um considerável número de estudos acadêmicos sobre o gênero.

Traduzir-se: Você é mestre em Letras. Em algum momento de sua formação sofreu preconceito por ser um profundo conhecedor de novelas, além de fã?

Vitor Oliveira: Sinceramente, não. Pelo menos, não de uma forma pessoal. Acho que o preconceito é mais genérico. Como já disse, tive até a oportunidade de desenvolver um projeto de pesquisa relacionado ao gênero.

Traduzir-se: Você considera que o modelo do folhetim romântico brasileiro como o real iniciador do formato da telenovela?

Vitor Oliveira: Sim. Nem digo o folhetim romântico brasileiro apenas, mas o folhetim como um todo. Esse hábito de acompanhar uma história diariamente deixando um gancho para prender a atenção vem dos folhetins românticos, mas antes veio de Sherazade e as *Mil e Uma Noites*. Mas é preciso que se diga que, entre o folhetim romântico literário e o folhetim televisivo, há o folhetim radiofônico, de quem a telenovela é herdeira direta.

Tanto que, nos primórdios de nossa teledramaturgia, muitos atores e autores, como Lima Duarte, Laura Cardoso, Janete Clair, Ivani Ribeiro, entre tantos outros, migraram das novelas de rádio para as telenovelas. Os autores teatrais ingressaram bem mais tarde, com o advento da ditadura. Claro que nossas telenovelas também sofreram um pouco da influência do cinema, principalmente do melodrama, muito presente no cinema das décadas de 40 e 50, mas o rádio é, sem dúvida, a influência mais direta.

Até hoje a telenovela tem essa característica radiofônica. Ela é muito mais auditiva do que visual. Não há muito espaço para silêncios, como há no cinema. Mas, sem dúvida, esse hábito de acompanhar uma história diariamente veio do folhetim romântico.

Traduzir-se: Em que sua formação acadêmica ajudou e/ou contribuiu para o seu trabalho como roteirista, escritor e dramaturgo?

Vitor Oliveira: Bastante, afinal como estudante de Letras, tive a oportunidade de conhecer muitos dos grandes autores da literatura universal, fonte de inspiração de muitas obras dramáticas.

Traduzir-se: Você também é autor de teatro. O processo de criação das cenas teatrais difere da criação de cenas para telenovelas?

Vitor Oliveira: Há diferenças e semelhanças. Claro que a linguagem difere um pouco e o teatro é um pouco mais livre, porque o autor não precisa fazer tantas concessões, além de ser uma criação mais solitária, diferente da tevê em que há sempre um trabalho de equipe. A marca autoral no teatro é muito maior.

Além disso, a telenovela é a arte de esticar uma história ao máximo que ela puder ser esticada, por centenas de capítulos, enquanto no teatro é totalmente o oposto. Nele, precisamos exercitar nosso poder de concisão ao contar uma história em, no máximo, 90 minutos.

Por outro lado, não me considero um autor teatral conceitual, nem sei fazer isso. Gosto de estabelecer uma comunicação direta com o público. Nesse sentido, meu estilo é semelhante nas duas linguagens e também no cinema.

Traduzir-se: Como você vê o futuro do texto televisivo e do formato das telenovelas no Brasil?

Vitor Oliveira: Há quem diga que o gênero telenovela está em processo de extinção. Já diziam isso há 40 anos. Não acredito muito nessa possibilidade, pelo menos pelos próximos anos. A telenovela ainda é o produto de maior audiência em nossa tevê e, praticamente, sustenta toda a programação. Claro que há um interesse cada vez maior em formatos mais enxutos como as séries, mas esse interesse ainda está restrito a um grupo limitado de pessoas. Você conhece alguma dona de casa que seja fanática por “Breaking Bad” ou “Mad Men”? A dona de casa, que compra sabão em pó, ainda consome telenovela e vai continuar consumindo por muito tempo. Também há quem diga que a internet rouba a audiência da TV, mas ainda vejo a internet como uma segunda tela, simultânea a televisão, tanto que o fenômeno chamado “Social TV”, em que os espectadores assistem aos programas e comentam simultaneamente na internet, está cada vez mais em alta, sobretudo no público mais jovem.

Acho que a televisão e as novelas estão procurando se adaptar, testar novos estilos e horários, como o da novela das onze, de duração mais curta e temática mais adulta, inaugurada com o remake de *O astro*, do qual tive o enorme prazer de participar. Mas isso acontece desde que a telenovela começou a ser produzida no Brasil, inicialmente com as tramas mirabolantes e mexicanizadas de Gloria Magadan, que logo deu lugar à modernidade de Bráulio Pedrosa em “Beto Rockfeller” e à crítica social das novelas de Dias Gomes e Lauro César Muniz e por aí vai. Enfim, é um formato dinâmico que vai se adaptando às mudanças da sociedade.

Traduzir-se: Ser roteirista, redator, ensaísta e crítico são opções de carreira para o estudantes de letras. Qual a situação desses campos de trabalho hoje?

Vitor Oliveira: Essa pergunta é ótima, porque é a oportunidade para um desabafo (risos). Quando ingressei na Faculdade de Letras, tinha a ilusão de que minha produção literária seria fortemente estimulada, o que infelizmente não aconteceu nem de longe. Lembro que, na época, eu e mais dois colegas criamos um jornal literário chamado “Literal Mente” buscando patrocínio da loja de Xerox e da cantina, porque a direção da faculdade não se interessou em financiar ou apoiar.

Na faculdade de Letras, você se debruça em estudar a obra de grandes autores, mas nunca é estimulado em produzir sua própria obra. No fim, as possibilidades de trabalho ficam reduzidas: ou o aluno se torna professor de Ensino Médio e de escolas de idiomas e, com sorte, ao ingressar na Pós-Graduação, pode se tornar professor universitário e ensaísta; ou tentar se aventurar no restrito mercado editorial, atuando como revisor. Para me tornar roteirista, tive que abdicar de minha carreira acadêmica e me dedicar a cursos livres da área. Infelizmente, é um triste paradoxo: para ser escritor, esqueça a faculdade de Letras.